

Amor e sexo na adolescência

Reladoras: Cristiane Barreto (EBP/AMP) e Mônica Hage (EBP/AMP)

Participantes: Ana Martha Maia, Carolina Scofield, Cassandra Dias, Daniela Nunes Araujo, Ethel Poll, Luiz Felipe Monteiro, Isabela Silveira, Inês Seabra, Juliana Motta, Juliana Prado, Márcia Ledo, Olívia Viana, Rodrigo Almeida, Silvia Sato, Valéria Ferranti

O jovem Freud, no decorrer dos anos 1890, esperava por seu casamento com um amor impetuoso, mas respeitava as formas de cortejar da sua época, quando escreveu sobre o sofrimento erótico ligado à vida moderna (GAY, 1990). De lá para cá, muitas águas rolaram no seixo civilizatório, mas amor e sexo não deixaram de ser fonte de sofrimentos que se derramam em análise.

Com o declínio dos ideais, ondulam novos sintomas sob o império do gozo. Os adolescentes são os mais afetados pelos efeitos da “ordem simbólica em mutação” (MILLER, 2015, p. 25).

Agamben (2009, p.57) ao responder sobre “de quem e do que somos contemporâneos”, recolhe de Roland Barthes: “o contemporâneo é o intempestivo”- aquilo que acontece numa ocasião impropícia, de súbito. A entrada no século XXI faz do rumo à adolescência escanção nunca vista. A psicanálise não a articula ao tempo cronológico, e sim com “o que urge dentro deste” e o transforma (AGAMBEN, 2009, p 65). Esse intempestivo comporta “um anacronismo que faz perceber o tempo como um “muito cedo”, que é, também “muito tarde” (AGAMBEN, 2009, p 66).

O falasser é convocado a se posicionar na partilha dos sexos e no problema do amor em articulação com o gozo, pleiteado pelo encontro com o parceiro sexuado. Entra em campo o encontro com o real do sexo, sempre traumático. Independente dos embaraços discursivos de cada época, a sexualidade faz furo no real (LACAN, 2003). Sem manual, frente ao furo no saber cada adolescente formula uma equação para se relacionar com o corpo nu, o seu e o do parceiro sexuado.

Consenza (2016) destaca dois tempos lógicos da iniciação sexual na adolescência. No primeiro, a emergência da relação sexual no inconsciente faz existir uma representação imaginária e singular, um enigma, dentro de uma fantasmática. No segundo, encontrará nas primeiras experiências com seus parceiros, a não existência da relação sexual. A iniciação sexual se estrutura nessa “tensão dialética entre a pressão

para fazer existir a relação sexual e o encontro traumático com sua inexistência”, “entre o tempo do véu e o tempo do trauma”(CONSENZA, 2016, p. 50).

O problema atual é a ausência do véu em torno do enigma da sexualidade. O século XXI é a época generalizada da inexistência da relação sexual, sentencia Laurent (2009). O amor vela a não relação, tem função de suplência - “bricolagem de sobras”- (STEVENS, 2006, p. 22), está do lado do não todo.

Mas qual é o drama do amor? O tempo do amor tem a ver com o instante que dura a ilusão de que a relação sexual existe. O amor acredita, esta é sua ilusão, que assim ele se fixa. Mas é justo a fixação do amor que torna o encontro opaco (NAVEAU, 2017). O drama do amor é que, em um dado momento, a necessidade passa a prevalecer sobre a contingência. Então, a insistência da demanda de amor “vem pesar com todo o seu peso” (NAVEAU, 2017, p. 161), ou surge uma “demanda que não fala”, “não visa a falta do Outro, é exigência de presença absoluta” (MILLER, 2006, p.18), assim o amor vagueia, perdendo-se em querelas infundáveis.

Arriscaríamos inferir que os adolescentes vivenciam outro tipo de drama. Eles amam, mas o que fazem do amor? Suportariam melhor o tempo fugaz reservado ao campo do encontro, reinventando, a cada vez, o amor? Encaram a inexistência da relação sexual “de cara”, como expressam em língua particular – “tô de cara!” ?

O adolescente inventa e antecipa soluções para viver o século do “não há relação sexual” (LAURENT, 2009) em movimentos dissonantes das modalidades do ato jorrando excessos à paralisia do tédio. Lacan (2003, p.530) observa: “se falei de tédio ou mesmo de morosidade a propósito da abordagem “divina” do amor, como desconhecer que esses dois afetos se denunciam – em palavras e até em atos – nos jovens que se entregam a relações sem repressão?”

Sofrem o impacto da puberdade, e na adolescência petrificam soluções com predomínio do Um, sem o amor para fazer ligação com o Outro. Dentre inúmeros efeitos, a banalização do sexo e certo desencantamento como modo de tratar a inexistência da relação sexual. Portanto, Miller (2016, p. 21) assinala: “nada melhor que a profusão imaginária de corpos se entregando a um “se dar” e a um “se pegar”, para mostrar a ausência da relação sexual no real”. Afinal, “não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado” (LACAN, 1985, p. 197).

A sexualidade, com a perda de algo clandestino do gozo, dá lugar a uma exposição da intimidade (ALBERTI, 2017). Porém, lembramos com Cottet (2011, p. 69) que “sob a roupagem ilusória da liberdade sexual, reencontrar-se-iam as invariantes do sentimental”.

Em Freud o amor tem estatuto do que se repete. As marcas cravadas do sujeito pelo Outro, antigas e indeléveis, promovem a busca através da linguagem, de onde se extrai a letra, na vertente da repetição significante. Por outra via, Lacan ressalta o amor como invenção. Passa do campo da verdade do Outro ao acontecimento de corpo. Amor que possibilita escrever outra coisa, a partir do impacto de lalingua sobre o corpo. (VENTURA, 2020).

A não relação sexual faz o exílio do ser falante, algo “não para de não se escrever”, mas a contingência instaura o encontro, “o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio, da relação sexual” (LACAN, 1985, p. 198). Trata-se de um encontro com acontecimentos de corpo (NAVEAU, 2017). Para Lacan (1985), é neste sentido que a contingência se encarna e, desta forma, é uma “contingência corporal” (NAVEAU, 2017).

A princípio, adolescentes não acreditam no amor, nenhuma ilusão romântica. O amor não é uma “constante antropológica” (MILLER, 2011, p. 81), mas é contingente, pode surgir e encontrar um corpo para se alojar. Uma das funções do amor na adolescência é contribuir na construção do corpo ao constituir um parceiro-sintoma, via do amor enquanto suplência à não relação. No parceiro-sintoma, a dimensão fechada em si, do gozo autoerótico, abre a possibilidade de acesso ao Outro pela via do amor, permitindo saber que o parceiro é um semblante e, em última instância, revela o sintoma do próprio sujeito (MILLER, 2003).

A crise da adolescência situa-se na relação do corpo com a língua (LACADÉE, 2007). Ao invés de tornar possível a relação sexual, o real modifica a relação do sujeito com a língua, porque é impossível traduzir o encontro com a sexualidade em palavras. O gozo invade o corpo, deixando-o fora do discurso. A adolescência é “empreendimento de tradução” (LACADÉE, 2007, p. 26). A tarefa ética é encontrar uma língua para dizer sobre si ao Outro.

Como e o que dizer do novo no amor? *Off label* do amor, eis a pista.

Os nomes do amor tem efeitos quando o *match* acontece, e são vários: o poliamor, o que se fecha em relações abertas, o da aliança, o ficante, o fluido, o anti romântico, o amor “pá, pum!”. Destaque ao “amantes-amigues”, laço poroso, plural, não é apogeu do enamorar-se, mas não deixa de ser estratégia para colocar à prova o corpo erógeno. A “pegação” acontece como se a própria ideia de par, ou figura do casal, fosse não só ultrapassada, mas insuficiente.

No “amor líquido”, formulado por Bauman (2004), as relações escorrem antes mesmo de transporem um obstáculo para se tornarem uma parceria. Entre os adolescentes o amor é, frequentemente, lampejo. Lacan (2011, p. 95) valida essa versão amorosa, ao invés de conclamar à nostalgia de um véu desbotado: “O amor, o amor, quer se comunique, quer flua, é o amor, ora.”

Ventura (2020, p. 57) tece considerações sobre o amor e a erótica do tempo, “pensa-se que isso deve durar para que se torne experiência”, reafirma. Mas para perguntar até que ponto sustentarmos esse fundamento na época atual, onde “os laços se constituem numa redução do tempo operada pelo discurso” (VENTURA, 2020, p. 57). O amor fica à mercê de uma escritura estranha, pois suporta-se cada vez menos a espera. Propõe “não fazer disso um drama”, nem endossar o pessimismo às condições do amor em nosso tempo, mas oferecer ao destino do amor as “metamorfoses que a transferência permite” (VENTURA, 2020, p. 58).

O saber inconsciente tem relação fundamental com o amor. É preciso falar de amor, do impossível de dizer e das várias facetas que movem os corpos em busca de escrituras. E saber que, tal como o que a vida quer de cada um é coragem para enfrentar o enigma do feminino, o que o amor quer de fato é ser inventado a cada instante.

Anjo pornográfico¹

Quando criança, assistir filmes pornô a acalmava. O que de tão atordoante estaria em cena fora da tela? O caso traz em seu cerne a função do sintoma, convoca-nos à clínica dos detalhes.

Dora chega à análise aos 12 anos sofrendo porque os amigos começaram a chama-la “a filha da louca”, após sua mãe sair nua pelas ruas.

¹ Caso supervisionado por Silvia Sato (EBP/AMP)

Com a separação dos pais, passou a morar com a mãe e o irmão, se trancando no banheiro para se proteger das agressões maternas. Da infância, lembra-se ainda, de ficar com raiva quando a mãe exibia-se aos homens.

Após o enlouquecimento materno, vai morar com o pai, que a permitia namorar, sem transar. Ela entristece quando o namorado termina a relação e passa a se cortar (prática que se mantém). Volta para a casa da mãe buscando apoio. De fato, retorna ao que não conseguira separar-se, cerzida a um objeto devorador do gozo oral. Inicia uma prática compulsiva de sexo oral nos garotos. Passa a seduzir homens mais velhos, com os quais não passava ao ato de chupar. Declara não ter prazer nessas vivências. Interroga se é ninfomaniaca. Trata-se do retorno no real do olhar de um Outro pornográfico? Encarna ela mesma o objeto da pornografia dos filmes da infância?

O episódio da mãe nua revela também com o que se deparava na infância, o rasgo do sexo materno apontando o impossível de suportar do gozo feminino. Ver filmes pornográficos a acalmava em função da tela, enquadramento que tornavam os corpos virtuais, distanciando-a das cenas reais demais. Entretanto, lembramos com Miller (2016) que a clínica da pornografia é a clínica do século XXI. O pornô parece ter sido o signo advindo do Outro que inscreveu, muito precocemente, a intrusão de um gozo desmedido. Os vídeos, o abuso do avô (apenas mencionado) e, na adolescência, as práticas masturbatórias nos meninos apontam uma solução precária, onde o desejo encontrava-se submetido à lei de ferro do gozo.

Prossegue com a prática sexual compulsiva, até um dia ficar com uma garota, e mais uma, dizendo ao analista que com elas “existia sentimento”. O analista pontua que a questão não é ter que “chupar o pau dos meninos”. Com a intervenção, cessa a prática compulsiva. Desobrigada dessa exigência, volta a morar com o pai, e dessa vez consente com suas normas, por exemplo, a de não transar com o novo namorado. Atualmente, é falar com o analista que a acalma, fazendo borda ao encontro com o sexo, reatando a pulsão à cadeia significativa.

Adolescência Confinada²

O real catastrófico que atingiu o planeta crava marcas no despertar. Emma, no florescer dos 13 anos, após beijar pela primeira, teve a adolescência confinada. A

² Caso atendido por Inês Seabra (EBP/AMP)

pandemia congela seu despertar e a sexualidade escoa nos quadros de pânico. Sem poder fazer parcerias fora do romance familiar, o fim da infância se prolonga, e a pulsão sexual se transforma em angústia. Responde com espanto à pergunta se já havia gostado de alguém: “não!”. Em um movimento de dar-se a ver, joga com os cabelos, e o analista elogia. Afinal, o amor se dirige a um semblante, e não ao vazio, o olhar invade a tela e introduz o amor de transferência.

O futuro dura muito tempo³

Ao sair da maternidade, um pensamento estranho: queria o filho de volta ao útero. Confissão que marca as internações psiquiátrica de Matheus, que era, até então, segundo sua mãe, uma criança, dormia com ela e recebia comida na boca.

Do universo familiar cercado de mulheres, apenas registros trágicos de homens toxicômanos: um tio decadente e o avô, falecido um ano antes. Surpreendem-se com a falta de reação à essa morte, todavia, ele passa um ano sendo internado por uso abusivo de drogas, com matizes da violência. Não fazia diferença matar ou morrer.

Sente ódio ao que o outro tem de bom. Perturba-se pois não conseguia “sentir borboletas no estômago” que a ex-namorada afirmava sentir. Conseguia dizer “eu te amo” só com Rivotril. Alucinou com a avó sendo engolida por ela mesma, de forma replicada. A frase lacaniana na literalidade da fantasia materna de retornar com seu filho ao ventre, adquire o estatuto do retorno no real, numa nova versão da montagem da pulsão da boca que se beija a si mesma. Deprime, começa a ver a maldade de todos, e apresenta uma série grave de passagens ao ato. Namorava garotas que exigiam ser cortadas na hora do sexo.

Insistia em maldizer o pai, eco da fala materna, ele não o ensinara nada, e tudo que queria era “não ser como ele”. A analista afirma que o pai lhe ensinara a ser diferente dele. Impacto que muda o curso do tratamento.

“Eu não queria isso. Foi muito cedo. Passei rápido da infância para o que é o adulto. Parece que pulei a adolescência”. Ocorre uma metamorfose subjetiva, nomeia um fenômeno de corpo como “borboletas no estômago”, percebe-se sorrindo, chorando, falante, considera que interná-lo foi ato de amor. Reconhece ter passado um ano “congelado” e fala da “saudade do futuro”.

³ Título da autobiografia Louis Althusser.
Caso atendido por Daniela Araujo (IPB Bahia)

Impressionado com o fato de ter dois eu, ouve do analista que é comum adolescentes se interrogarem sobre os dois lados de si. No presente, surgem novas amarrações para viver o inédito introduzido pelo tratamento: a adolescência. Iniciou faculdade e tem uma namorada que se tatua. Enamorado, tatua a cena da alucinação com a avó. Faz do horror alucinatório um quadro no corpo tela onde o olhar do outro se deposita, e o enigma do feminino não mais o devora.

Resquícios e o amor ao novo⁴

Adão passou da decisão ao suicídio, aos 15 anos, à errância entre corpos violentos, sexo sem proteção e drogas. Depois de certo tempo em análise, enunciou: “Eu sou filho da pós-modernidade e quero assumir isto”. Ser filho da pós modernidade implicava não ter o conforto de ter um pai que diz qual caminho certo, mas, ainda assim, encontrar algum conforto por poder afirmar “eu faço escolhas”.

O problema de sua geração, sentença, é sofrer resquícios dos valores paternos; no tocante ao amor, isso corresponde a “fazer de dois um ser registrado em cartório”. Ele prefere “ser sozinho até quando encontrar o amor”. Essa frase é moradia do equívoco, o analista interpreta: “até lá, a solidão absoluta, depois, não mais?”. Pôde rir e dizer que a análise é uma espécie de “solidão refrescada”.

Os que se arriscam na travessia da adolescência contemporânea mergulham no discurso que entope de objetos o furo que não se desfaz. O trabalho exige do analista um esforço a mais para fazer valer a política do sintoma. À cada um, a promessa lacaniana do amor mais digno, no horizonte que se avizinha.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Santa Catarina: Argos, 2009.
- ALBERTI, C. O que resta de nossas fantasias? In: *Opção Lacaniana n. 75/76*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2017.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editor, 2004.
- CONSENZA, D. Iniciação na adolescência: Entre mito e estrutura. In *Agente: Revista de Psicanálise n. 16*. Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise. 2016.
- COTTET, S. O sexo fraco dos adolescentes: sexo-máquina e mitologia do coração. In: *Ensaio da clínica psicanalítica. Opção Lacaniana 8*. Rio de Janeiro: Contra capa, 2011.
- GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1990.
- LACADÉE, P. *L'éveil et l'exil – enseignements psychanalytiques de la plus délicate des transitions: l'adolescence*. Nantes: Edition Cécile Default, 2007.
- LACAN, J-A. *Estou falando com as paredes* (1972). Rio de Janeiro: Zahar Editor: 2011.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1973). Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985.

⁴ Caso atendido por Cristiane Barreto (EBP/AMP)

- LACAN, J. Prefácio a O despertar da Primavera (1974). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. Televisão (1974). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar editor, 2003.
- LAURENT, E. Siglo XXI: no-relación generalizada e igualdad de términos. In: *Psicanálise com niños y adolescentes 2 – Políticas, practicas y saberes sobre el niño*. Grama, ediciones, 2009..
- MILLER, J-A. Problemas de pareja, cinco modelos. In: *La pareja y el amor: conversaciones clínicas con Jacques-Alain Miller en Barcelona*. Buenos Aires: Editora Paidós, 2003.
- MILLER, J-A. Labirintos do Amor. In: *Correio -Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, número 56, ano .* Salvador: 2006.
- MILLER, J-A. O ser e o um. Seminário de Orientação lacaniana. Inédito. 2011
- MILLER, J-A. Em direção a adolescência. In: *Opção Lacaniana n. 72*. São Paulo: Eolia, 2016.
- MILLER, J-A. O inconsciente e o corpo falante. In: *Scilicet: O corpo falante – sobre o inconsciente no século XXI*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.
- NAVEAU. P. *O que do encontro se escreve – estudos lacanianos*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise/Seção Minas Gerais, 2017.
- STEVENS, A. Amor e Nome-do-pai. In: *Correio -Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, número 56, ano .* Salvador: 2006.
- VENTURA, O. O amor, sempre Outro. In: *Mutações do laço social – o novo nas parcerias*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2020.